

## NOTICIÁRIO GERAL

## FUSÃO, O CAMINHO ATÔMICO APONTADO POR SCHEMBERG

BELO HORIZONTE (FT) — O físico Mário Schemberg, que veio a Belo Horizonte participar de um seminário de energia elétrica promovido pela Universidade Católica de Minas, voltou a manifestar aos jornalistas sua esperança de que o acordo atômico com a Alemanha não venha a ser executado. "Pelo menos será impossível que ele se realize dentro dos prazos previstos", disse Schemberg, acrescentando que seria preferível "perder o que já gastamos em Angra, a continuar a investir no incerto, no quase obsoleto, no perigo".

Schemberg disse que, na questão problema atômica, devem ser considerados vários aspectos. O primeiro deles se refere ao aproveitamento da energia gerada pela fusão, o que é uma possibilidade teórica, e só depende da solução de alguns problemas técnicos. "A fusão oferece enormes vantagens sobre a fissão. Segundo os norte-americanos, dentro de cinquenta anos no máximo estarão resolvidos os problemas de natureza técnica e o homem estará usando da energia produzida no processo de fusão. Se é assim, eu creio que os prazos se encurtem, por que o Brasil não se prepara científica e tecnicamente no rumo da fusão? Podemos esperar, tranquilamente, tais decênios.

Não necessitamos de acudamento. Levaremos a vantagem de ir desenvolvendo essas pesquisas no campo da fusão, de maneira que não só pudéssemos contribuir para a solução de seus problemas técnicos como nos preparássemos para assimilá-los, rapidamente, a tecnologia desenvolvida pelos outros".

## "PREMISSAS BAMBAS"

Para Schemberg, a opção nuclear do Brasil se baseou em "promissas bambas", como a do custo de energia obtida.

"Naquele tempo, o custo do quilovate instalado era calculado em 450 dólares. Mesmo caindo o dólar admitindo-se que mil dólares atuais corresponderiam ao custo de então, veremos que triplicou o custo. Hoje, não se constrói uma usina nuclear a custo inferior a 3.000 dólares por quilovate. No caso de Angra, então, o custo será ainda maior, com a necessidade de reforço das estruturas. Porque o Programa Nuclear brasileiro é quase uma ficção: foi enganosa a opção pela energia nuclear, quando ainda dispomos de grande potencialidade hidroelétrica e foi erro técnico inadmissível localizar as usinas na região de Angra dos Reis, e não foi melhor solução o acordo com a Alemanha. Em Angra, como todos sabem, há uma falha geológica, há abalos sísmicos registrados desde o império. Dizem que não há perigo de terremoto no Brasil. Se bem corramos risco bem menores de grandes abalos sísmicos, os abalos pequenos são frequentes em nosso País, o que não há é o registro de tais fenômenos. Ora, uma instalação nuclear não pode suportar a menor trepidação. O núcleo do reator deve ter estabilidade quase absoluta", disse

## RAZÕES MILITARES

"Suspeito que as verdadeiras razões do Programa Nuclear são de origem militar. Economicamente não as vejo, e o segredo com que tudo se fez reforça a suspeita. Mas, mesmo dentro do raciocínio militar, vejo uma perigosa incoerência estratégica. Decidiu-se pela região de Angra, por localizar-se no centro industrial brasileiro. Ora, em qualquer guerra não há alvo tão preferencial como um reator. Ele é uma bomba instalada, que espalhará a morte em um raio de oitocentos quilômetros, tão logo atingida. É uma bomba permanente,

porque com vida útil média de 20 anos, uma vez desativado, o reator continua sendo uma bomba a atrair as armas inimigas. Ora, localizados em Angra, na praia, os reatores serão alvo tranquilo na hipótese de um conflito bélico.

## PARADOXO

Schemberg diz que o programa militar brasileiro é, em si, um grande paradoxo: — "A opção nuclear se fez em nome do desenvolvimento nacional. Ocorre que seu cumprimento representará, um dano para esse desenvolvimento. Não dispomos de capital para usá-lo na construção de usinas nucleares que produzirão energia três ou quatro vezes mais cara do que a gerada pelos nossos rios. Por outro lado, ninguém foi ouvido. Não foram ouvidos os cientistas e não foi ouvida a opinião pública. Aliás, é próprio de regimes fechados não ouvir ninguém, mesmo em coisas mais triviais, como a Ferrovia do Aço. Porque não se discutiu o assunto, gastamos bilhões de forma irresponsável. Mas é preferível perder o que já gastamos em Angra do que continuar a investir no incerto, no quase obsoleto, no perigo" — disse Schemberg.

O físico lembrou também que "os reatores nucleares, depois de colocados em desuso, passam a representar novo, sério e grave perigo para a humanidade, porque permanecem abrigando radioatividade suficientemente intensa para destruir e devastar grandes áreas".

Um exemplo, disse Schemberg, é um pequeno reator desativado nas proximidades de Munique na Alemanha. Na impossibilidade de desmontá-lo — pois os operários que entrassem lá dentro seriam mortos pela radioatividade — o governo alemão gasta uma fortuna para manter 100 soldados,

fortemente armados, para cercá-lo dia e noite. Na Inglaterra, tamparam-se com terra os reatores desativados. Isso tudo, todavia não protege ninguém contra o perigo, pois basta um terremoto para que a radioatividade escape e se espalhe pela atmosfera, matando, e destruindo.

## PILASTRAS, SO NO BRASIL

Schemberg denunciou, ainda, a fina espessura das paredes dos edifícios que abrigam os reatores instalados em Angra dos Reis, quando nos demais países, em face de acidentes que poderiam advir até mesmo de um choque de aviões, construíram-se paredes com um metro de espessura. No Brasil, por questão de economia, fizeram-se paredes de 60 centímetros", disse.

A escolha de pilstras para compensar as deficiências geológicas de Angra dos Reis foi outra medida condenada pelo físico nuclear paulista, que lembrou "não existir, em qualquer outro país do mundo, tamanha insensatez. Todos são solidamente fixados em rochas".

Schemberg disse que "procurando economizar dinheiro, o Brasil preferiu instalar suas usinas nucleares próximo aos centros de maior consumo, o que baratearia a instalação das redes de transporte da energia. Entretanto, esses centros concentram a maioria da população do País. Esqueceram-se, portanto, das medidas de segurança, que aconselham a instalação das centrais nucleares a pelo menos 800 quilômetros das grandes cidades".

Com relação ao lixo atômico, ele acha que os técnicos vão ter muitas dores de cabeça até encontrar um local para colocá-lo. "Aliás", concluiu, "esse local não existe".